

IDENTIDADES CULTURAIS NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

Identidade, crise do Estado-nação, consumo, cidadania, esfera pública e tecnologia são aspectos aos quais Renato Ortiz se refere para refletir sobre transformações da atualidade

Renato Ortiz é professor titular do Departamento de Sociologia da Unicamp. Gradou-se em Sociologia na Universidade de Paris VIII. Titulou-se como mestre e doutor na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris. Foi professor na Universidade de Louvain, Bélgica, na Universidade Federal da Paraíba, na Universidade Federal de Minas Gerais e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como professor convidado. Lecionou ainda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Escola de Antropologia da Cidade do México. Foi Fellow (membro) do Instituto Kellogg para Estudos Internacionais, na Universidade de Notre Dame, Indiana, na Universidade de Nova York e na Universidade de Columbia. Foi professor titular da Cátedra Simon Bolívar no Instituto de Altos Estudos da América Latina (Paris) e, em 1999, foi professor convidado da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Publicou diversos livros, entre eles: A consciência fragmentada (1980), Cultura brasileira e identidade nacional (1985), A moderna tradição brasileira (1988), Cultura e modernidade (1991), Românticos e folcloristas (1992) e Mundialização e cultura (1994). É um dos intelectuais brasileiros mais respeitados no exterior, desenvolve importante reflexão

sobre a cultura na sociedade contemporânea. Sua obra é referência indispensável para todos aqueles que desejam entender melhor o que se passa com a cultura ocidental no processo de globalização. Nesta entrevista exclusiva, ele nos fala da crise do Estado-nação, de cultura popular e cultura de massa e das identidades frente ao processo de globalização.

Por Roseli Fíguro

Revista Comunicação & Educação: *O que significa, em termos objetivos, para o cidadão comum, a globalização da sociedade?*

Renato Ortiz: Significa que as sociedades contemporâneas estão interconectadas de várias formas, uma delas se dá através dos meios de comunicação. Mas mais do que isto e talvez uma coisa menos enfatizada, é que as sociedades contemporâneas, não todas, é claro, mas grande parte delas, participam de uma mesma matriz. Essa matriz emergiu com a modernidade. Tem a ver com a ciência, a tecnologia, a urbanização, a industrialização a ponto de elementos desta matriz serem encontrados fora dos seus lugares. Como exemplo podemos citar essas praias de turismo onde se têm focos claramente mundializados em termos de espaço, mas que necessariamente não estão vinculados a

nenhuma industrialização a não ser aquilo que eufemisticamente se chama *indústria*. Basicamente, o que caracteriza o mundo contemporâneo são duas coisas: primeiro, esta interligação que já foi enfatizada por vários autores; segundo, que essa interligação tem uma matriz comum, o que não quer dizer que seja idêntica, é comum no sentido de que se realiza historicamente de forma diferenciada.

RCE: *A partir dessa matriz que é característica do mundo globalizado, como é que nós podemos pensar as identidades culturais?*

Renato Ortiz: Essas identidades continuam a ser pensadas como um tema geral, não há problema nenhum. Diria que o problema das identidades é mais forte hoje do que há trinta anos. Não como um tema nacional, brasileiro e nem latino-americano, porque nós temos uma discussão sobre identidade que já data mais de um século. Porém a questão das identidades está estreitamente vinculada à problemática da globalização, que é um processo de integração diferenciado, desigual, mas de integração, e nesse processo as identidades se afirmam em contraposição a esse movimento integrador. Claro que são identidades variadas: as identidades nacionais há muito constituídas e também as identidades de grupos étnicos etc. A discussão sobre as identidades é quase que um reforço da tese do desenvolvimento da globalização e não o contrário. Mas essas identidades se discutem no contexto de uma matriz, essa é a diferença. A matriz é a sociedade urbana, racional, industrializada.

RCE: *A cultura popular e a cultura de massa são expressões que hoje significam a mesma coisa?*

Renato Ortiz: Não. Já no passado a cultura popular e a cultura de massa tinham significados diferentes, na medida em que a cultura

popular estava associada às manifestações culturais tradicionais das culturas das classes subalternas. Desde os grupos folclóricos até costumes populares, sejam indígenas, afrobrasileiros etc. A cultura de massa surge como um termo para denominar um tipo de produção cultural industrializada, distribuída em escala nacional e que já está intimamente associada aos meios de comunicação. Então, é clara a distinção entre as duas coisas. À medida que há uma integração de parte da cultura popular nos meios de comunicação, fica mais difícil fazer a distinção entre cultura de massa e cultura popular, digamos, em caráter institucional.

A minha impressão, no entanto, é que o termo cultura de massa, devido ao processo de globalização, torna-se cada vez mais inadequado para dar conta da própria condição industrial da produção cultural. Isto porque a discussão sobre cultura de massa está muito vinculada à criação da nação.

Existia uma cultura de massa que era uma cultura nacional. Em princípio seria como a cultura comum de todo o cidadão de um determinado país, seja norte-americano, seja francês, seja brasileiro. Essa cultura de massa seria produzida em escala industrial e ela seria veiculada em todo o território nacional. Hoje, a discussão sobre o consumo reordena este tipo de visão à medida que o consumo é diferenciado, segmentado. Então as produções são industriais, não há dúvida nenhuma, não são de cultura popular no sentido tradicional. Porém, elas não são necessariamente de alcance nacional, são muito direcionadas a públicos específicos: masculino, feminino, jovens, pessoas da terceira idade, ou seja, todas essas subdivisões que sempre existiram, mas que agora passam a ser tratadas como segmentos. Ou seja, fica difícil ro-

tular esse tipo de produção como sendo de massa. São produções voltadas para o mercado, mas não têm necessariamente o sentido anterior que a palavra cultura de massa adquiriu quando foi cunhada, por volta dos anos 40.

RCE : *Então falar de uma cultura de elite também está fora do lugar?*

Renato Ortiz: Falar sobre alta cultura ou a chamada cultura de elite ou a cultura burguesa – talvez a melhor forma de compreendê-la seja através da idéia de cultura burguesa, ou de uma burguesia industrializada do século XIX, que se forma claramente na Europa – é sempre complicado. Esse tipo de cultura é vinculada, desde a questões relativas ao indivíduo até a elaboração de obras artísticas, literatura, música clássica. Essa cultura nunca teve um lugar expressivo na América Latina e no Brasil. Até mesmo nos Estados Unidos teve muita dificuldade de se impor. Em termos tradicionais, nós nunca tivemos, no Brasil, uma alta cultura. Sempre achei falsa a discussão, no Brasil, entre alta cultura e cultura popular. Nós nunca tivemos, no Brasil e na América Latina, uma esfera autônoma do mundo da arte como ela se desenvolveu em alguns países europeus. Então esse é o primeiro ponto a chamar a atenção. No mundo contemporâneo essa cultura existe em esferas especializadas. Mas já não tem mais a pretensão de ser a realizadora da consumação social dos ideais humanos, na medida em que, por exemplo, se especializou, ou seja, a música clássica existe entre os especialistas de música clássica, a literatura existe entre os especialistas de literatura, o cinema de autor existe entre os especialistas. Essas manifestações culturais provêm de escolas de música, de museus, de exposições, só que esse público é diferenciado, específico. Nesse sentido permanece só o que se encontra em um espaço restrito, não é expressivo. Tenho impressão também de que houve uma mudança em relação a essa alta cultura.

Ela deixou de ser uma referência única e obrigatória. Permanece como referência de um ideal cultural, porém não é mais a única referência, outras referências somam-se a ela.

RCE: *Nós poderíamos falar então de banalização e de massificação da cultura? Estas duas características estariam relacionadas ao fato de cada vez mais pessoas de diferentes lugares do mundo adotarem os mesmos padrões de consumo nos hábitos alimentares, como os fast food, roupas, músicas, filmes etc. As diferenças culturais, as especificidades nacionais, as identidades particulares estariam desaparecendo?*

Renato Ortiz: A pergunta é complexa, seria melhor desdobrá-la para não confundir. Primeiro, não sei se o termo banalização se aplica nesse sentido. Acho que há, por exemplo, uma banalização da cultura em programas como o do *Ratinho*, como o do *Faustão*, por exemplo. É um processo de banalização muito grande. Nesse caso, o termo banalização vem junto com um conceito de valor, daquilo que se acha melhor, ou do que se acha pior, o que se considera superficial. Mas, quando estamos falando de Pizza Hut, McDonald, *fast food*, automóvel, televisão, todo esse mundo, não diria que houve uma banalização, nem diria que houve uma massificação. Diria que se trata de um conjunto de objetos, procedimentos que, cada vez mais, tornam-se parte do nosso dia-a-dia. No caso da alimentação, por exemplo, fica bastante claro isso, ou seja, são hábitos cotidianos que são resolvidos de uma forma alimentar específica. No caso destes *fast foods*, pouco importa se é McDonalds, Pizza Hut ou se é algum sanduíche da esquina ou da padaria, o significado é o mesmo: é uma refeição rápida, numa sociedade na qual as pessoas têm de se mover rapidamente. Vão para o trabalho, voltam do trabalho, vão para um lugar, voltam para o outro, se locomovem, essa

é a perspectiva. Tudo isso demonstra claramente um processo de mundialização da cultura muito forte, mudando não só conteúdos, mas procedimentos. Importante é entender a diferença nos conteúdos e nos procedimentos, as duas coisas se mundializam. É dentro desse processo que as identidades novamente se afirmam. O problema é que essa identidade se afirma num contexto globalizado. Antes esse processo se dava num território basicamente delimitado pela nação. Nós tínhamos a ilusão de que só havia uma identidade, a nacional. As outras não apareciam. Há alguns anos a identidade feminina, a identidade étnica eram pouco lembradas. Mesmo a discussão, no Brasil, sobre a questão racial sempre esteve, de uma certa forma, imprensada entre ser negro ou não ser negro. A discussão sobre a cultura nacional sempre predominou com relação à discussão sobre a cultura negra. Em outros países da América Latina – no Brasil nós temos um número pouco expressivo de indígenas – a questão do indígena é muito relevante. Portanto, a questão da identidade, para eles, é mais complexa.

O processo de globalização insere todas essas identidades numa situação nova. As diferentes identidades não vão acabar, mas elas vão se exprimir dentro deste novo contexto. Em alguns momentos serão expressões complementares, em outros serão expressões conflitivas.

CRISE DO ESTADO-NAÇÃO

RCE: *Quer dizer que, dentro dessa perspectiva, nós poderemos pensar que o que está fora de lugar é a discussão sobre a identidade nacional?*

Renato Ortiz: Não diria que está fora do lugar, acho que ela está presente, não tem

jeito de negar a sua presença. A questão é que ela já não tem mais a mesma força. Da mesma maneira que a *grande arte* não tem a mesma força de referência como teve no passado, independentemente de estarmos falando sobre a sociedade brasileira ou a sociedade européia.

A questão nacional já não tem o mesmo peso que teve há alguns anos. Isso porque o processo de globalização enfraquece, debilita a própria questão da identidade nacional, embora aponte em um outro sentido. A crise que temos hoje é uma crise do Estado-nação. As pessoas têm dificuldade de aceitar isto porque o Estado-nação foi pensado como uma forma social mais avançada de realização do progresso, da industrialização, da urbanização e da consciência humana. Mas estamos vivendo um momento em que o Estado-nação começou a perder, não a vigência, mas a sua centralidade. É uma crise que abre um conjunto de perspectivas e também um conjunto de dilemas. No nosso caso específico, temos que perceber claramente o dilema. O dilema é: como nos inserimos como nação periférica num mundo hierarquizado, num momento em que as nações ainda perdem mais poder. Esse é um problema seríssimo. Não sei como resolver, mas seguramente, nos próximos anos, este será o grande tema do debate nacional. Infelizmente ele ainda não o é.



RCE: *De fato, ainda não é, e parece-me que está bastante atrasado.*

Renato Ortiz: Está atrasadíssimo. Mas veja aí a questão da Ford. Se nos fizermos a simples pergunta: o que é a Ford? Se formos consultar em qualquer livro, tabela, estatística, veremos que a Ford não é uma grande multinacional, não é a primeira, nem a segunda indústria automobilística do mundo, longe disso. Já foi, mas não é mais. A Ford não compete, do ponto de vista do faturamento, com um conjunto de transnacionais que estão aí e que têm uma envergadura muito maior. Não entendo como essa pequena fábrica, em função de um arranjo interno de seu próprio sistema de operação, cria uma confusão enorme no Brasil. Cria um problema de Estado, indis põe governos de diferentes regiões do país, retira uma fábrica que ia ser instalada no Rio Grande do Sul, para ser instalada na Bahia. Coloca o governo nacional e o Senado em cheque. Uma mexida administrativa simples, não é uma coisa enorme ou uma grande jogada, é uma coisa pequena. E tem uma repercussão nacional, uma implicação enorme, porque gera emprego, desemprego. Tem uma implicação de guerra fiscal entre os governos estaduais. Tem a implicação de o Presidente da República estar atendendo a uma exigência externa, sem ter nenhuma sensibilidade para o que está ocorrendo internamente no país.

RCE: *É uma expressão efetiva da crise do Estado-nação?*

Renato Ortiz: Diria que é uma expressão muito clara, porque é uma coisa que vem de fora. Essa pequena crise poderia ser gerenciada de outra forma, isso não significa que o processo de negociação não existiria, mas poderia significar que, no processo de negociação com uma transnacional que vai mudar as suas fábricas, o governo teria um papel a desempenhar.

RCE: *A nação sairia mais fortalecida se a postura diante dessas transações fosse outra?*

Renato Ortiz: Não só a nação, mas até outros segmentos, porque o que está sendo feito é o seguinte: para as pessoas que vão ser empregadas na Bahia, é ótimo a Ford na Bahia; para as pessoas que serão desempregadas no Ipiranga, São Paulo, é péssimo; e para as pessoas que não serão empregadas no Rio Grande do Sul, é pior ainda. Então, esse processo todo é muito interessante do ponto de vista sociológico. Do ponto de vista político, é lamentável.

RCE: *Nós chegamos ao ano 2000 comemorando 500 anos da descoberta do nosso país. Também aqui existiu uma população nativa com uma cultura bastante diversificada e um grande número de línguas. O processo de colonização fez com que essas culturas e essas línguas praticamente desaparecessem. Como é que nós poderíamos comparar esse fato com o que está ocorrendo hoje, haveria uma supremacia da cultura norte-americana sobre a nossa língua e nossa cultura?*

Renato Ortiz: Não há nenhum paralelo entre essas duas coisas. O processo de colonização foi muito mais brutal e devastador. O Brasil, em 1500, segundo as estimativas pessimistas, tinha em torno de cinco milhões de indígenas, as estimativas otimistas afirmam que existiam entre oito e dez milhões de nativos. Não há dados reais para se afirmar qual era esse número de forma exata. Hoje existem no Brasil 200 mil indígenas. Passados 500 anos, a população de índios diminuiu, se pegarmos pela tese pessimista, de cinco milhões para 200 mil, isso é brutal. Significa que esses indígenas desapareceram como cultura, como sociedade. As sociedades indígenas foram completamente desarticuladas. As línguas que ainda existem são poucas, comparadas com o passado e, dentro

da expressão do português, elas são completamente minoritárias. Já a relação com o inglês é outra totalmente diferente.

Existe uma hegemonia do inglês, mas essa hegemonia não implica o desaparecimento das línguas nacionais e nem implicará nisso. O inglês vem sendo utilizado por grupos especializados, por exemplo, nas grandes empresas. Mas não vamos ver jornais brasileiros escritos em inglês. Nós vamos continuar a usar o português no rádio, na TV. Nós vamos continuar a usá-lo na linguagem diária.

É possível até que tenhamos cursos de pós-graduação na língua inglesa, que os trabalhos, ou alguns dos trabalhos, sejam escritos em língua inglesa. Então, o que temos é uma hegemonia, um poder maior sobre um poder menor. Isso não implica no desaparecimento da língua, como ocorreu no processo de colonização. O processo de colonização em todos os lugares do mundo foi de uma brutalidade enorme. É que nós, hoje, já nos esquecemos disso.

RCE: *Você acha que a crise do Estado-nação repercute também em nações do primeiro mundo, como os Estados Unidos, por exemplo?*

Renato Ortiz: Não há a menor dúvida. Nós estamos aqui olhando a nossa debilidade em relação a eles, mas eles estão lá olhando a sua debilidade também. Os Estados Unidos não têm mais a mesma posição que tinham há 40 anos. Não têm a mesma posição política, não têm a mesma posição cultural e não têm a mesma posição econômica. A única coisa que permanece ainda tão forte como antes é a posição militar. Nisso não há dúvida. Os Estados Unidos são a maior nação militar do mundo, com um poder que ultrapassa todas as outras. Mas, do ponto de vista econômico e cultural, os Estados Unidos não têm mais a mesma presença. Se abirmos qualquer livro da década de 40 para a frente, os Estados Unidos viviam um encantamento de

dominação do mundo. Hoje não. Com o processo de globalização, eles perderam espaço no interior do próprio mercado norte-americano. Mas, isso não significa obviamente que os Estados Unidos não tenham ainda hegemonia.

Todo o debate sobre o multiculturalismo nos Estados Unidos é uma expressão da crise de identidade que eles estão vivendo. Por outro lado, não podemos nos esquecer de que o inglês não é americano. O inglês é uma língua utilizada hoje em função de vários fatores, principalmente devido ao processo de colonização nos continentes asiático e africano.

Então o inglês se colocou de fato como uma língua importante. Isso não significa que as outras línguas vão desaparecer. Não há um processo gradativo que fará com que as outras culturas desapareçam. Existe um processo e nesse processo um movimento de expressão das diferenças culturais, identitárias, lingüísticas. Esse processo não é neutro, ele é hierarquizado. E, nesse sentido, a posição do português é muito inferior à posição do inglês, também é inferior em relação ao espanhol. O espanhol deixou de ser uma língua latino-americana ou espanhola e tornou-se uma língua importante também dentro dos Estados Unidos, por causa da imigração de mexicanos. No contexto internacional, a utilização do espanhol passou a ser muito mais importante do que a do português. Esse é um processo de hierarquização de línguas, mas essas línguas permanecerão, não há dúvida nenhuma. Ao contrário, pode-se dizer que o processo é de afirmação, de multiplicidade, de diversidade. Só que essa multiplicidade se afirma num mundo hierarquizado. Tem diversidade que vale mais e tem diversidade que vale menos.

A nossa vale menos do que a do inglês. Essa é a questão central que nós temos de trabalhar.

CULTURA: CAMPO DE DISPUTAS

RCE: *Com as novas tecnologias e a cultura da imagem é muito difícil encontrar um jovem que goste de ler. O que isso implica, nesse processo de hierarquização, rebaixar ainda mais a língua portuguesa?*

Renato Ortiz: Tenho a impressão de que a leitura permanece. Acho até que se fizéssemos um levantamento, poderíamos dizer que se lê mais hoje do que no passado, da mesma maneira que se vende mais revista do que no passado. O hábito da leitura se coloca de uma nova forma. A diferença é o que se privilegia no universo da leitura e o que se deixa de ler ou se lê menos. Não há dúvida de que novos veículos de comunicação, como o computador ou a televisão a cabo, de uma certa forma, recolocam a questão da leitura e da escrita. Acho, inclusive, totalmente tolo esse discurso de que a escrita vai desaparecer por causa da televisão. As pessoas se esquecem de que a televisão é feita a partir da escrita. A telenovela nasce de um texto escrito, senão não sai aquilo que está na imagem. Mesmo o telejornal é escrito. Voltando à questão da língua, na medida em que não temos uma produção de *softwares* em português, não temos canais a cabo em português, aí sim temos problemas sérios. Esse é um lugar de disputa.

RCE: *Esse seria um papel dos legisladores?*

Renato Ortiz: Seria o papel dos intelectuais, dos legisladores, é um lugar de disputa e é um mercado também. Se quisermos, por exemplo, produzir um *software* para transmitir qualquer tipo de informação, seja através do computador ou da televisão, o importante é utilizar o português.

Produzir cinema brasileiro, produzir séries brasileiras, isso é extremamente importante. Se as pessoas abdicarem desse tipo de trabalho, elas estarão abdicando não só de produzir obras culturais, mas estarão abdicando de um espaço ímpar. É nesse espaço que é importante trabalhar porque as identidades nacionais e culturais são também aí constituídas.

No campo da música talvez isso seja mais esclarecedor. As transnacionais estão presentes em todo o mercado, mas o que se vende é música produzida em português, seja música sertaneja ou Chico Buarque de Holanda.

RCE: *É interessante ver isso no dia-a-dia, no supermercado por exemplo, quando uma dona de casa compra um produto que ela precisa para sua cozinha, mas o texto do rótulo do produto está em outra língua. Todas as informações sobre o produto estão escritas em outra língua.*

Renato Ortiz: Provavelmente, nesse caso, a língua é o menos importante, o importante é a marca do produto. Mas de fato, esse é um espaço interessante de disputa e é um espaço novo. Diria que é um espaço político também, não é só cultural. As pessoas precisam se dar conta de que estamos num mundo globalizado, que falamos português e que queremos nos exprimir em português. Isso implica uma série de atitudes, desde a produção artesanal até a indústria cultural, porque isso também é mercado. Dá emprego.

RCE: *O baixo nível das programações da televisão está relacionado com os interesses comerciais das emissoras ou de fato o público é que tem mau gosto?*

Renato Ortiz: É um problema de mer-

cado. A discussão que se coloca sobre o gosto popular se coloca de um ponto de vista elitista, para desprestigiar o povo, chamá-lo de ignorante. Mas se formos pensar bem, não existe o povo, o que existe são camadas, grupos sociais diferenciados, com inclinações diferentes. Na verdade, o que acontece é uma opção de mercado. Não há dúvida, atualmente, de que a questão da banalização dos programas tem um fator novo que é a emergência das televisões a cabo e também um certo fim do monopólio da Globo que se manteve, no Brasil, de forma artificial em função de uma situação bem determinada que era o regime militar. A Globo nasceu, cresceu e se desenvolveu por causa do regime militar. Dentro desse contexto, ela foi extremamente favorecida. Em outros lugares a disputa de audiência sempre se deu de outra forma. No nosso caso, a Globo sempre se favoreceu do regime, desde o ponto de vista infra-estrutural, da expansão de seu sinal no território nacional, até a expansão da censura, ela teve uma vantagem enorme durante vinte anos. Hoje há, primeiro, outras opções de lazer dentro das cidades. Segundo, há, em determinadas camadas da população, outras solicitações dentro de casa: o computador, o videogame, o canal a cabo. Então as televisões tendem a perder ainda mais audiência.

A audiência que está fixada é essa audiência mais popular, por um motivo muito simples: ela não tem renda para consumir outro tipo de coisa. Não é porque eles adoram a TV Globo, a Xuxa, é porque essas pessoas não têm outras possibilidades de lazer.

Elas não têm computador, videogame, TV a cabo. Elas moram, geralmente, na periferia onde não tem cinema, teatro. Essas pessoas

estão excluídas. Dentro desse mundo da exclusão, a televisão reinou durante muito tempo. Hoje ela já está começando a ter algumas fraturas dentro dessa realidade.

RCE: *Você acha que o Plano Real fez emergir uma camada de consumidores que potencializou a emergência de programas como Ratinho, Leão etc.?*

Renato Ortiz: O Plano Real não elevou em nada o consumo, basta olhar as estatísticas para se perceber que não elevou em nada. Isso é só discurso. Se fizermos uma análise do consumo de frango ao longo de quatro, cinco anos o que estou dizendo será confirmado. Mas se fizermos uma análise no mês em que se fez o real, como faz o jornal, aí tudo sobe. As análises têm de ser feitas com um mínimo de seriedade e não apenas somar um período específico. Essa associação que fizeram do real com o consumo é uma associação retórica, que não se sustentou. Não vejo isso que você fala. A mudança dos programas não tem a ver com as classes populares, ela tem realmente a ver com as estratégias de venda e de concorrência entre as emissoras. Este tipo de proposta é uma proposta que quer estabelecer um vínculo com uma audiência abstrata.

RCE: *No livro Mundialização e cultura, você afirma que a mídia e as corporações são instâncias de socialização. Desempenham as mesmas funções pedagógicas da escola e fornecem referenciais culturais para as identidades. Fale um pouco sobre essa afirmação e explique a importância que tem para a formação da ética e da cidadania.*

Renato Ortiz: Os meios de comunicação têm a obrigação de transmitir não apenas uma informação, porque dentro da comunicação nós temos um mundo. Um mundo habitado por Xuxas, habitado por Madonas, por Faustos, por personagens. Esses personagens não são

apenas esse ou aquele indivíduo. São modelos de comportamento, formas de se ver a vida, maneiras de se posicionar na sociedade. E com o desenvolvimento de uma sociedade de consumo, eles são personagens dentro de situações nas quais se representa todo um conjunto de maneiras de ver, de se comportar, de ser. Parece muito óbvio, para as pessoas, que todo mundo consoma esses modelos, mas há alguns anos não era assim. Basta olhar historicamente o Brasil e ver que essas coisas não existiam.

As pessoas foram socializadas para consumir. Hoje vemos a mãe no supermercado com um carrinho em miniatura, para as criancinhas empurrarem e já pegarem as coisas nas prateleiras. Isso se chama socialização, é um trabalho pedagógico que os supermercados estão fazendo. Significa que essa criança está aprendendo a discernir o produto, comprá-lo, se relacionar com ele e com as pessoas. Isso é instância de socialização.

E dentro desse contexto, as implicações são várias. Primeiro, existem implicações que incidem nas construções de identidades, não só nacionais, regionais, ou transnacionais, mundializadas. Podemos dizer que a Madona não é mais americana, o desenho japonês não é mais japonês. Mas esse mundo do consumo também implica comportamento dentro de uma estrutura de valores muito clara. Dentro desse mundo, quem não fizer parte desse consumo não é cidadão, ou é cidadão de segunda classe. Tem também um outro elemento importante que é a própria noção de cidadania. Na atual conjuntura, o que é ser democrático? Democrático é ter vários produtos sendo ofertados para que o indivíduo possa comprar. O que é a liberdade? Minha liberdade é definida na possibilidade de escolher entre os diversos produ-

tos que me são ofertados. Os conceitos de liberdade e de democracia tinham antes um outro sentido e hoje são tomados nessa direção. É interessante ver que só os cientistas políticos não descobriram isso, que estão discutindo a cidadania fora desse mundo, mas esse é o mundo real. Se alguém quiser discutir cidadania com seriedade, vai ter de incluir esse mundo novo que é o mundo do consumo. As pessoas têm expectativas que já não são mais as mesmas. Uma vez, num debate sobre cidadania, perguntei para um dos presentes, “você acha que quem é rico está interessado nesse debate sobre cidadania?” Não está, porque quem é rico não tem esse problema. Ser cidadão já está vinculado a outras coisas. No fundo, o grande elemento de cidadania hoje é o dinheiro. Com ele você vai mais longe do que com qualquer passaporte.

CIDADANIA E CONSUMO

RCE: *Você está dizendo que nós estamos abolindo a noção de cidadania e a substituindo pela noção de direito de compra?*

Renato Ortiz: A questão de cidadania permanece, como permanece o Estado, como permanece a grande arte, só que ela está sendo substituída por uma outra noção. Qualquer noção de cidadania é uma utopia, nós nunca vimos na realidade a questão da igualdade entre as pessoas. Nem na Europa, nem nos Estados Unidos. Ela sempre foi um objeto de disputa política, num processo de conquistas sociais e de direitos. Essa é uma luta importante desde a Revolução Francesa. No mundo atual, a questão da cidadania se traduz em outros termos. Não temos mais de lutar, temos de ter dinheiro. Só que não temos dinheiro, porque fazemos parte da camada inferior, somos professores, ou somos de camadas mais abaixo ainda, que são as dos funcionários ou dos sem-terra. Ou seja, sig-

nifica que há um processo de hierarquização que se torna natural, na sociedade em que estamos vivendo. A noção de desigualdade se naturaliza com a maior facilidade.

RCE: *Você fala também em Mundialização e cultura de novas fronteiras. Seriam essas as novas fronteiras?*

Renato Ortiz: Essa seria uma delas. No fundo, o processo de globalização não é o fim das fronteiras, é o fim de determinadas fronteiras e a abertura de novas. Talvez o exemplo mais claro disso seja a Comunidade Européia. É o fim das fronteiras francesa, alemã, sueca e a criação de uma nova fronteira. Significa que o turco, o árabe ou o imigrado para a Europa vai ser barrado não só na Alemanha, mas será barrado em vários lugares na fronteira da nova Comunidade Européia. O imigrante de origem árabe será barrado em Gibraltar, por exemplo, o que já está acontecendo. Esse conjunto de questões, essas novas fronteiras se colocam da mesma forma que anteriormente. É tão interessante isso que na França eles criaram um termo. Chama-se *brésiliennization* (brasilianização), este termo significa o seguinte: "olhem para o Brasil, se nós não tomarmos cuidado ficaremos como eles". Significa que muitas pessoas estão naturalmente excluídas da sociedade. Quando digo naturalmente, quero dizer que o conjunto das pessoas não considera mais que outras pessoas deveriam estar incluídas num conjunto de benefícios da sociedade, simplesmente aceita-se e conforma-se com o fato. Isso é muito claro no Brasil em relação à pobreza. O número de pobres existentes é elevadíssimo. São milhões; neste ponto, aqui, as coisas se contam por milhões. O número de pessoas da classe média baixa é também enorme. Em termos de consumo, é aí que as hierarquias estão se exprimindo: hierarquia de corpo, de descuido, de objetos destruídos.

As diferenças de classe, as diferenças de poder aquisitivo se manifestam nitidamente. Não há dúvida nenhuma de que aí estão as novas fronteiras. Ao mesmo tempo, alguém que é jovem, de classe média, tem um certo poder aquisitivo, se comunica através da Internet, de símbolos, ou seja, calças jeans, Madonnas, show de rock, isto tudo é um circuito mundial, planetário, há uma quebra de fronteiras, claro. Mas, por outro lado, estes jovens estão cada vez mais afastados do pessoal da periferia, as pessoas da periferia não existem mais. Esses jovens estão mais próximos de Miami do que de São Miguel Paulista, que é periferia de São Paulo.

Então, esse processo é interessante porque as noções de proximidade e de distância se transformam radicalmente. Tenho a impressão de que este processo tem ou deverá ter implicações políticas muito decisivas, e isto ainda não está sendo percebido com clareza, mas essas mudanças têm implicações políticas, na consciência política.

POLÍTICA E ESFERA PÚBLICA

RCE: *Falando em política, os partidos dentro do quadro atual estariam representando essas diferenças, essa segmentação toda, essa diferenciação?*

Renato Ortiz: Os partidos políticos estão perdidos. Aliás não é só no Brasil. O grande problema dos partidos políticos é que eles atuam dentro do Estado-nação. Essa é a fronteira deles. Só que neste mundo em que estamos vivendo existe um conjunto de fluxos, de elementos que não dizem respeito exclusivamente ao Estado-nação. Então, isto tem de ser atacado de fora. Dentro do Estado-nação a coisa fica restrita. A questão é saber como fazer política no mundo global. Esta não é uma ques-

tão que está sendo atacada de frente. A grande pergunta do século que se inicia em termos políticos é: como iremos, do ponto de vista global, transformar esses aspectos, que são adversos para o nosso processo, em aspectos positivos, favoráveis? Tenho a impressão de que isso dificilmente poderá ser feito no âmbito de Estado nacional, independentemente da ideologia do partido.

RCE: *Por quê?*

Renato Ortiz: Porque a atuação que eles têm é uma atuação importante, porém restrita. Por exemplo, esta questão da Ford não se resolve dentro do quadro nacional. Teria, talvez, de ser colocado dentro do quadro do Mercosul, entre os trabalhadores do Mercosul. Talvez os trabalhadores brasileiros devessem pensar em fundar um sindicato do Mercosul. Coisas assim começam a ter uma verdadeira força de barganha, de pressão nessas transnacionais. Porém, nós estamos no início deste movimento de formação, atuação, não de resistência, mas de atuação mais cosmopolita. Parece até um pouco de ciência-ficção, mas não é. São elementos concretos que estão aí presentes, só que não estão ainda devidamente equacionados em formas organizacionais.

RCE: *A escola, as universidades e as outras instituições perderam o espaço e a importância no sentido de pensar e atuar nesse campo, na sociedade contemporânea?*

Renato Ortiz: Não há dúvida nenhuma de que, com o processo de especialização da universidade, os intelectuais perderam o papel que tinham no passado. Por outro lado, se abre, por causa do processo de globalização, uma perspectiva de pensarmos esse espaço de um ponto de vista concreto. Quem sabe, nesse sentido, os intelectuais tenham o trabalho de, sendo otimista, fazer o papel de

incentivadores da criação de uma esfera pública realizável. Claro que os intelectuais terão sempre um papel limitado, na medida em que eles não têm poder, e não é papel deles organizar *as massas* nem nacionais, nem planetárias. O papel dos intelectuais é ser parte atuante da esfera pública. Só que não basta fazer parte da esfera pública nacional, é necessário projetar essas inquietações fora das esferas nacionais. Estamos ainda numa fase muito embrionária, mas já existem manifestações a este respeito: frente de artistas, de criadores que estão querendo se contrapor à hegemonia da empresa. É um papel importante que os intelectuais têm e que já tiveram no passado, obviamente, de forma diferenciada.

RCE: *Os jovens são os mais sensíveis às transformações que ocorrem na atualidade. Qual relação pode se estabelecer entre esta sensibilidade e o crescimento da violência, a banalização dos valores e a banalização da própria vida?*

Renato Ortiz: Os jovens já estão vivendo esta realidade, sem terem vivido a realidade anterior, a não ser como referência abstrata, relatada através dos pais ou relatada através dos meios de comunicação, filmes, livros etc. Eles têm uma vivência concreta distinta, por exemplo, da juventude dos anos 60, 50 ou 40. Essa diferença é percebida com uma certa clareza. Não é uma relação trabalhada intelectualmente, percebem no cotidiano. Mas, não vamos nos iludir. Entre estar mais sensibilizado e ter consciência dos problemas há uma grande diferença. Ou seja, por mais que goste dos jovens necessariamente não posso mistificá-los como elementos ontológicos de transformação da sociedade. Porque o fato de viverem uma determinada situação não os torna conscientes das contradições envolvidas nessa situação.

A utilização de tecnologias disponíveis a uma parte da juventude, muito segmentada por sinal, não significa que essa juventude tenha compreensão das contradições e das implicações que esses meios técnicos trazem no mundo contemporâneo. Essa é uma reflexão muito abstrata, que implica uma série de mediações. Exige um certo distanciamento da própria experiência, uma problematização da experiência.

RCE: *Néstor Garcia-Canclini fala sobre isso no livro Consumidores e cidadãos. Nós estávamos há pouco falando de cidadania e de consumo, o que você pensa dessa relação feita pelo Garcia-Canclini ?*

Renato Ortiz: Gosto muito do Néstor, ele é meu amigo. Faz coisas excelentes em Ciências Sociais. É possível se falar, em determinados momentos, em consumidores cidadãos, na medida em que existe um movimento dos consumidores. Mas o conceito de cidadania e o conceito de consumo são dois conceitos distintos. Pertencem a um universo de diferenças históricas que é muito difícil casar. A menos que nós imaginássemos que o mundo todo se transformasse num planeta de consumidores, uma *aldeia global* de consumidores e, dentro dessa *aldeia global*, todos os consumidores teriam direito a todos os produtos, com total liberdade de escolha. Essa seria a utopia neoliberal.

MISTIFICAÇÃO DA TÉCNICA

RCE: *Pierre Lévy fala em cibercultura, uma cultura que se está gestando a partir das novas tecnologias e que cria novas comunidades, com características diferenciadas, uma democracia tecnológica. O que você pensa sobre isso?*

Renato Ortiz: O problema que vejo nisso é que essas idéias passam a ser espe-

lho para a sociedade. Eles falam dessas características da comunicação via Internet como se isso fosse a referência principal para o mundo. Aí fica complicado. O Pierre Lévy é um deles. Ele é uma pessoa que mistifica a técnica. Até às questões políticas ele dá soluções através da técnica. Isso é uma fetichização muito grande da técnica. Mas é preciso discernir bem: uma coisa é criticar essa fetichização da técnica que existe em determinados segmentos; a outra, é não querer enxergar um conjunto de fatores atuais que estão bem presentes e que, de certa forma, esses autores detectam. Se existem grupos vinculados a certos usos da tecnologia, é possível que haja alguma particularidade nesse grupo e então se passe a trabalhar sobre essa particularidade. Daí ser um equívoco total estender esse diagnóstico ao planeta como um todo.

O grande problema das investigações sobre a técnica é que as metáforas utilizadas acabam se transformando em conceitos e, neste sentido, gerando uma visão impressionista da realidade. Como quando dizemos *aldeia global*. O mundo é global, mas não tem nada de aldeia. A metáfora *aldeia global*, criada por McLuhan, é muito ruim, na medida em que ela não tem nada de verdadeiro. Ela não dá conta de nada. Essas metáforas são interessantes, quando dão conta de determinadas questões. Mas, a partir de determinados limites, elas são muito ruins, prejudicam a compreensão da realidade. Esse tipo de mistificação é muito comum na atualidade.

As pessoas começam a analisar a Internet e depois falam do mundo como se o mundo fosse a Internet. A Internet é um veículo de comunicação desenvolvido recentemente, sem dúvida muito importante, porém, não é o mundo. Nem creio que a Internet seja matriz, digamos, de uma metáfora para a compreensão do mundo. Falar que existem redes, é uma

coisa, mas chegar e falar que o mundo é uma rede, é uma coisa totalmente diferente, porque o mundo não é uma rede. O problema é que as metáforas se impõem e nós acabamos sendo prisioneiros delas. Cabe a nós desarmarmos essas metáforas e vermos de que forma elas são aplicadas, em que lugares são aplicáveis e em quais não são. A minha impressão é de que o mundo da técnica é muito propício para isso, o mundo da técnica fascina as pessoas. Mas chega um momento em que as pessoas não sabem mais do que estão falando. Aliás, isso acontece com o computador. As pessoas falam em quebra de fronteiras, em instantaneidade, um conjunto de coisas, mas basta ler uma literatura técnica sobre o que é o computador e ver que é uma máquina descontínua. A informação passa de um ponto, pula para outro, é linear e descontínua. Dá a ilusão de instantaneidade, porque vai de forma muito rápida, mas não é instantânea. No entanto, quando nós discutimos Internet, discutimos

Resumo: Em entrevista exclusiva, Renato Ortiz discute aspectos polêmicos da atualidade, tendo como pano de fundo a globalização e mundialização da cultura. Ressalta que as identidades devem ser compreendidas no processo contraditório de afirmação de suas características a partir de uma matriz integrada que muda os conteúdos e os procedimentos das culturas. Nesse quadro, aborda a crise do Estado-nação e ressalta a inviabilidade de se continuar pensando alternativas políticas apenas tendo a nação como universo limite. Discute como a língua portuguesa pode ser assumida como um espaço de preservação das identidades culturais à medida que se produzam *softwares*, filmes, programas para a TV, músicas etc. em português. Aborda ainda a relação cidadania e consumo e chama a atenção para que o direito à cidadania não seja substituído por direito de compra. Trata do problema da mistificação da técnica, ressaltando que determinados autores se encantam com a técnica e se esquecem do contexto socio-histórico.

Palavras-chave: Renato Ortiz, globalização, cultura, identidade, consumo, cidadania

como se fosse instantânea e trabalhamos com a metáfora da instantaneidade como uma tradução real. A sociedade é muito mais do que isso, ela é dividida em classes sociais, grupos, interesses, renda, religião. É importante entender esses aspectos que são múltiplos.

RCE: *Não seria uma nova ideologia?*

Renato Ortiz: Tem dois problemas. Um é de análise, de compreensão; o outro, é uma questão de ideologia. Dentro da perspectiva atual, que é a dominante, existe uma ideologia da técnica e, além disso, um certo encantamento. Determinados autores se encantam com a problemática da técnica atual e se esquecem de colocar esse dado novo dentro de um contexto social e histórico. Esquecem-se de que a técnica sempre foi um elemento constante na história de todas as civilizações. Existem também aqueles que acreditam na salvação pela técnica. Nem sei se existe salvação em algum lugar, porém na técnica, seguramente é que não há.

Abstract: In an exclusive interview, Renato Ortiz discusses current controversial aspects, having as a background the cultural globalization process. He stresses that the identities must be understood in the contradictory process of characteristic affirmation based on an integrated matrix that changes the cultures' contents and procedures. From this perspective he touches on the State-nation crisis and highlights the fact that it is unviable to continue thinking about political alternatives simply considering the nation as the limit of the universe. He discusses how the Portuguese language can be taken on as a space to preserve cultural identities as software, films, TV programs, music, etc., are produced in Portuguese. The author also discusses the relationship there is between citizenship and consumption and calls one's attention in order for one's right to citizenship not to be substituted by the right to buy. He deals with the mystifying technique, stressing that certain authors get hung up in technique and forget social and historical matters.

Key words: Renato Ortiz, globalization, culture, identity, consumption, citizenship